AS PINTURAS RUPESTRES DO SÍTIO ALCOBAÇA, BUÍQUE- PE, NO CONTEXTO DA TRADIÇÃO AGRESTE

Gabriela Martin

Em memória de Alice Aguiar, minha companheira de trabalho de tantos anos na procura da tradição Agreste.

Resumo

Nos estudos sobre a arte rupestre pré-histórica na região Nordeste do Brasil, foi definida a tradição Agreste a partir, principalmente, dos sítios rupestres levantados em áreas do agreste e do sertão de Pernambuco, desde a década de 1970. Paralelamente foi também aplicada a pinturas rupestres existentes no Piauí, na Bahia, na Paraíba e no Rio Grande do Norte. As dilatadas cronologias relacionadas à tradição Agreste e a grande extensão geográfica que alcança, obriga-nos a refletir sobre a sua classificação preliminar e a sua identificação, nos grandes espaços do interior do Nordeste. Consideramos a necessidade de se estudar áreas menores, restritas a grupos de sítios com caracteres comuns que nos permitam conclusões crono-espaciais seguras. Neste trabalho se apresentam as pinturas rupestres do sítio Alcobaça, em Buíque, PE, consideradas dentro da tradição Agreste e situadas num abrigo sob rocha onde houve ocupações humanas entre 5000 e 900 anos BP.

Abstract

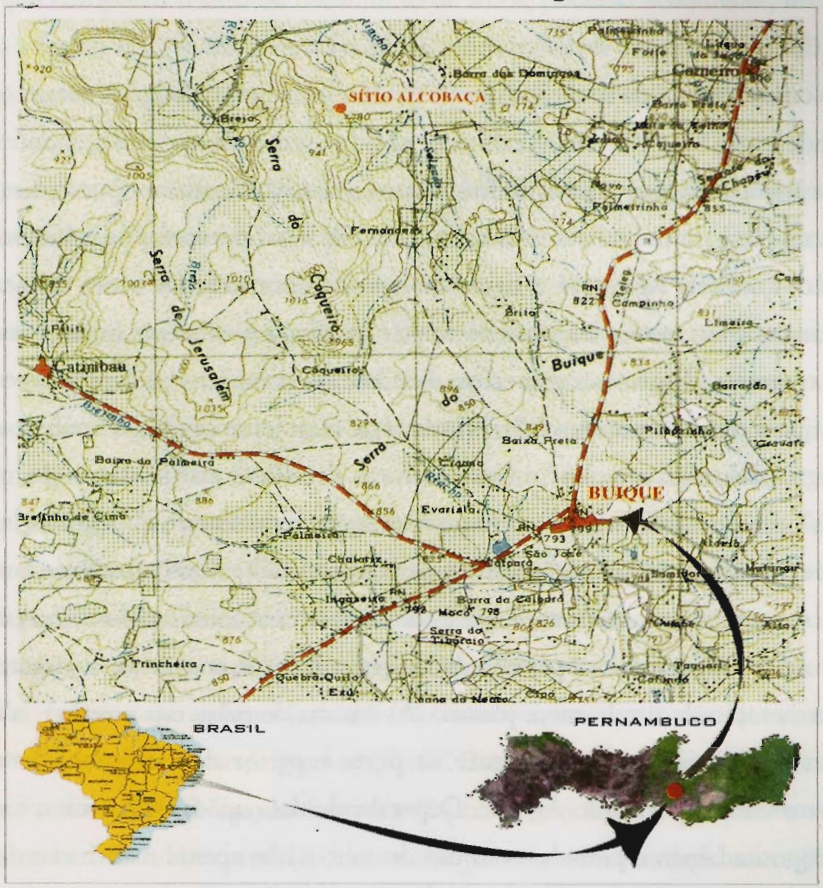
Studies of prehistory rock art in Northeast Brazil, have defined the Agreste tradition mainly based on rock art sites researched in areas of the Agreste and the Sertão of Pernambuco back in the 1970's . Concurrently this nomenclature was applied to rock paintings in Piauí, Bahia, Paraíba and Rio Grande do Norte. The broad scope of the Agreste tradition related chronology and its wide-ranging geographic extension is cause for reflection of the preliminary definition and identification in the extensive land of the interior of the Northeast. We have considered the need to study smaller areas, restricted to groups of sites with common features allowing for safe chronologic and spatial conclusions. This paper depicts rock paintings of the Alcobaça site in Buíque PE defined as belonging to the Agreste tradition and located in a rock shelter occupied by humans between 5000 and 900 BP.

Dentro das categorias gerais formuladas nas primeiras classificações dos registros rupestres pré-históricos na região Nordeste do Brasil, foi definida a tradição Agreste a partir, principalmente, dos sítios rupestres levantados em áreas do agreste e do sertão de Pernambuco, a partir da década de 1970. Paralelamente foi também aplicada a pinturas rupestres existentes no Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí e em outras áreas do Nordeste, como a Bahia, a Paraíba e o Rio Grande do Norte. Evidentemente que um horizonte rupestre que abrangesse áreas tão amplas, teria características diversas, elementos locais produto da representação subjetiva dos grafismos, mudanças técnicas dependentes do suporte e das tintas e , muito especialmente, das distâncias cronológicas. A tradição Agreste foi considerada posterior à tradição Nordeste, já amplamente tratada em diversas publicações de AM. Pessis, N. Guidon , G. Martin e em outros trabalhos de conteúdo mais monográfico, mas as recentes datações das calcitas que cobrem algumas pinturas rupestre com grafismos considerados da tradição Agreste, no Parque Nacional Serra da Capivara, PI, que ultrapassam os 30.000 anos, como é o caso da Toca da Bastiana, (S.Watanave et ali,) 2004) fizeram obrigatoriamente refletir sobre o alcance, extensão e definição da chamada tradição Agreste. Assim, a data em torno dos 5000 anos BP, considerada como o início desta tradição no Parque Nacional Serra da Capivara, obtida na Toca da Boa Vista I , ficaria defasada. Nessa toca, antropomorfos típicos dessa tradição foram pintados numa saliência da rocha, da qual a tinta escorreu em quantidade suficiente para deixar, no sedimento, restos do pigmento utilizado. Carvão procedente desse sedimento forneceu a data citada de 5000 anos.

Em Pernambuco, porém, as datações radiocarbônicas relacionadas com pinturas rupestres de tradição Agreste são muito mais recentes, situadas em torno de 2000 anos BP. Procedem de duas fogueiras no sítio Peri-Peri, em Venturosa (1.760 ± 160 anos BP; 2.030± 50 anos BP), nas quais foram coletados fragmentos de ocre com marcas de terem sido raspados de modo a formar pequenos recipientes onde se teria preparado o pigmento. As outras duas procedem do Sítio Alcobaça, em Buique, (1785 49 anos BP; 1766 24 anos BP), do qual tratamos neste trabalho, obtidas do sedimento que cobria parte das pinturas, onde além dos fragmentos de ocre, foram coletados, também, raspadores e lascas com restos de tinta vermelha.

As grandes diferenças cronológicas relacionadas à tradição Agreste e a sua grande extensão geográfica obriga-nos a refletir sobre a sua classificação preliminar e identificação, nos grandes espaços do

MAPA DE LOCALIZAÇÃO



interior do Nordeste. Consideramos a necessidade de se estudar áreas menores, restritas a grupos de sítios com caracteres comuns que nos permitam conclusões crono-espaciais seguras.

A definição da tradição Agreste formulada já na década de 1970, se baseara na identificação de numerosos abrigos rupestres, com o sem ocupações humanas no seu entorno, nos quais constavam como elementos básicos a presença de grafismos de conceituação abstrata, aos que chamamos "grafismos puros", fugindo assim do termo "grafismos geométricos" e outras definições subjetivas.

O nome "agreste" deve-se à concentração de sítios com pinturas localizadas nos pés de serra, várzeas e brejos da região agreste de Pernambuco mas, na verdade, trata-se de uma tradição rupestre extremamente espalhada por todo o Nordeste, tanto nos "agrestes" como nas áreas sertanejas semi-áridas.

As principais características da tradição Agreste na suas primeiras definições, foram os grafismos de tamanho grande (entre 50 e 100 cm), geralmente isolados, sem formar cenas e, quando estas existem, apresentam-se compostas por poucos indivíduos ou animais. Grafismos puros, simples ou muito elaborados, acompanham os grafismos de ação sejam eles antropomorfos ou zoomorfos. Grafismo emblemático da tradição Agreste é a figura de um antropomorfo, às vezes de grande tamanho (pode atingir mais de um metro de altura) de aspecto estático e geralmente isolado, assemelhando-se a uma figura totêmica. Entre os zoomorfos, dificilmente as espécies podem ser reconhecidas - ao contrário do que acontece com a tradição Nordeste - e raramente é possível atribuir-se às figuras de animais designações mais precisas e com maiores detalhes qualificativos do que "aves" ou "quadrúpedes". Porém são identificáveis os grafismos que representam quelônios e lagartos. Peixes também aparecem com desenhos esquemáticos de poucos detalhes.Outro grafismo que, dependendo das regiões, é mais ou menos comum, e que pode também ser considerado como emblemático da tradição Agreste, é a figura de um pássaro de longas penas e asas abertas, cujo antropoformismo sugere a representação de um homem-pássaro. As marcas de mãos em positivo distribuídas em vários lugares dos painéis, principalmente na parte superior dos mesmos, são também uma característica marcante na tradição Agreste. Dependendo das regiões essas marcas foram realizadas com mãos propositadamente pintadas com um desenho e não apenas manchadas de tinta, dando-se, assim, o aspecto de um carimbo em forma de mão. A presença de marcas de mãos não é em si indicativo de uma determinada tradição, na medida em que marcas de mãos aparecem em abrigos e cavernas de todas as partes do mundo. Mas a forma em que essas mãos foram representadas e o seu posicionamento nos painéis rupestres, podem servir como mais um fator classificatório e determinante de uma tradição. Além da presença de mãos nos painéis da tradição Agreste, registramos também sua ausência nas pinturas da tradição Nordeste e nas gravuras das Itaquatiaras.

Grafismos puros labirínticos ou em forma de grades, espirais e linhas sinuosas de vários tamanhos e que, aparentemente, não guardam nenhuma relação entre si, são também elementos que nos levam a identificar as pinturas rupestres da tradição Agreste. É sempre necessário levar-se em conta que as

referências anteriores são apenas genéricas e com elas procuramos apenas apresentar as linhas gerais que caracterizam a tradição. Estudos minuciosos em áreas arqueológicas, nas quais possam ser identificados os caracterizadores de cada sub-tradição, além do estudo do suporte e das estruturas arqueológicas que compõem o sítio ou o conjunto de sítios, poderão determinar, no futuro, quais grupos humanos foram autores das diversas manifestações rupestres que reunimos sob a designação de tradição Agreste.

Na tradição Agreste, tecnicamente, os tipos de pigmento utilizados são predominantemente o vermelho nas diversas tonalidades que o óxido de ferro na forma de ocre natural pode fornecer, mas a densidade das tintas usadas e o maior ou menor cuidado no traço e na elaboração dos grafismos mudam muito nas diferentes áreas geográficas. É possível mesmo encontrar-se numa mesma área ou mesmo entre abrigos vizinhos, grafismos cuidadosamente elaborados com linhas paralelas perfeitas e de traço limpo e outros grafismos nos quais a tinta escorre borrando o desenho original. Algumas manchas de tinta grossa sobre os grafismos, podem ser, também, obra posterior com a intenção explícita de apagar o trabalho anterior, fato que não observamos nos painéis da tradição Nordeste. Por outro lado, Anne-Marie Pessis (1992) tinha definido a tradição Agreste como *"caracterizada pela predominância de grafismos reconhecíveis, particularmente da classe de figuras humanas, sendo raros os animais. Nunca aparecem representações de objetos nem figuras fitomorfas. Os grafismos representando ações são raros e retratam unicamente caçadas. As figuras são representadas paradas, não existindo nem movimento nem dinamismo. Os grafismos puros, muito abundantes apresentam morfologia diversificada"*. Essa definição referia-se especificamente às pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, sua área de pesquisa e vemos que as definições não eram muito diferentes das formuladas para a mesma tradição na região agreste de Pernambuco.

Os sítios com pinturas rupestres da tradição Agreste, na microrregião de Arcoverde, em Pernambuco, são morfologicamente bem característicos, aparentemente sem intrusão de outras tradições nos mesmos abrigos; entretanto, na região do Seridó, encontramos abrigos com claras superposições das duas tradições: a Agreste sobre a Nordeste. O caso repete-se também em outro sítio localizado em Afogados da Ingazeira (PE) e no SE do Piauí. No Sítio Salitre, em São Raimundo Nonato, grafismos da tradição Agreste, tais como marcas de mãos e grafismos puros, foram pintados preenchendo os espaços livres deixados pelos autores das pinturas anteriores da tradição Nordeste.

O mesmo caso se repete na Furna do Caboclo, na região do Seridó riograndense, onde grafismos da tradição Agreste ocupam espaços não utilizados pelos pintores da sub-tradição Seridó.

Tínhamos dado a denominação Cariris Velhos à sub-tradição que caracterizava os sítios rupestres da tradição Agreste que se estendem numa ampla área ao sul da Paraíba e ao nordeste de Pernambuco, na região onde um arco de serras denominado dos Cariris Velhos marca a divisa entre os dois estados, tomando como epicentro a microrregião de Arcoverde. Foi, assim, cadastrada uma centena de sítios com pinturas e gravuras rupestres, entre abrigos factíveis de serem escavados e simples blocos de granito e de arenito, gravados ou pintados ao longo de cursos d'água, distribuídos, irregularmente, entre os municípios de Taquaritinga do Norte, Brejo da Madre de Deus, Alagoinha, Venturosa, Pedra, Buíque, Brejinho, Passira e Paranatama.

A partir dos anos 90, deu-se continuidade as pesquisas arqueológicas, no vale do Ipanema, especialmente no município de Buíque, onde o vale do Catimbau se descortina com belas paisagens de marcados contrastes, formados pela erosão eólica e fluvial sobre a estrutura sedimentar. Nessa área, foram assinalados numerosos sítios arqueológicos com pinturas e gravuras rupestres de diversas tradições, assim como ocupações humanas prè-históricas de dilatados horizontes cronológicos e culturais. A existência desses sítios arqueológicos e a necessidade de preservá-los das continuas agressões antrópicas, fruto do chamado turismo ecológico, mal administrado nas mãos de pessoas despreparadas, nos levou a solicitar, junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, o registro e concessão da área para pesquisas arqueológicas, sob a responsabilidade do Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE, solicitação concedida a partir de 1999.

Além do potencial arqueológico, na microrregião do vale do Ipanema encontram-se duas comunidades indígenas remanescentes: os Fulniô e os Capinawá. As aldeias do grupo Capinawá ocupam parte da área arqueológica com suas terras demarcadas numa área de doze mil hectares. A presença dessa população indígena na área não significa, *apriori*, que eles sejam descendentes diretos das populações que ocuparam a região na pré-história, pois, a partir do século XVIII começaram os colonizadores a explorar o salitre na região e, como mão de obra, foram enviados oitenta casais de índios, deslocados de missões religiosas de outras áreas, formando-se assim um novo aldeamento. O estudo das origens desses grupos indígenas e das suas migrações voluntárias ou impostas, é também um importante elo de enlace entre a pré-história e a história colonial.

Ao referirmos à tradição Agreste neste trabalho, nos estamos limitando à área do agreste de Pernambuco e das serras dos Cariris Velhos, onde os sítios cadastrados apresentam homogeneidade suficiente para os poder integrar num conjunto coerente e único.

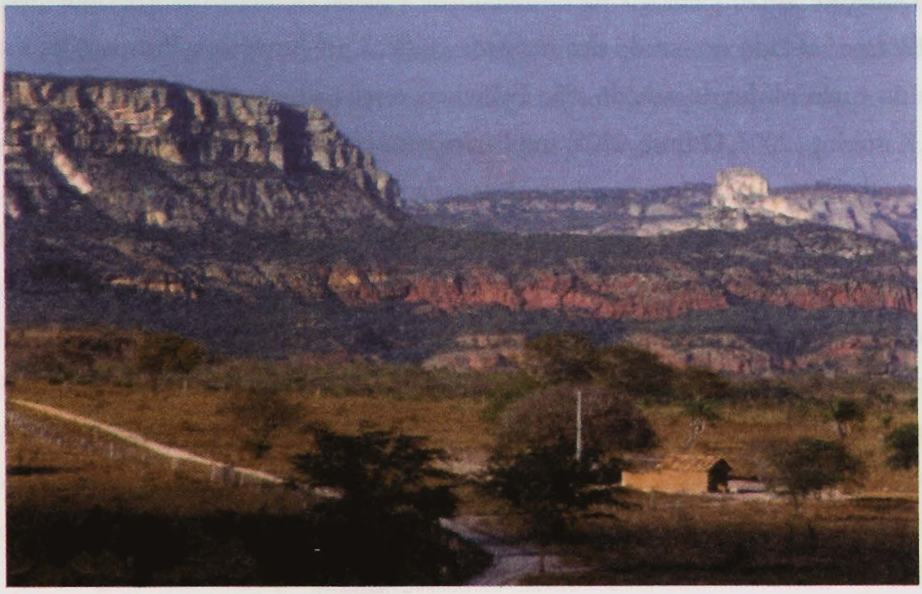
Observamos que determinados grafismos rupestres, distribuídos em painéis considerados pertencentes à mesma tradição, foram pintados em abrigos ou matacões rochosos que apresentavam semelhanças entre si e que tinham sido escolhidos por suas condições de habitabilidade para o assentamento. Observou-se, também, pela comparação com abrigos que apresentavam registros rupestres de outras tradições, com distintos tipos de assentamentos, que os "grupos do Agreste", em Pernambuco, na região de Arcoverde e dos Cariris Velhos no sul da Paraíba, se situaram em áreas de várzea ou de piemonte, perto de uma fonte d'água, mesmo limitada. Em um alto percentual de casos, situavam o cemitério do grupo em lugar próximo ao sítio onde realizavam as pinturas. Os topônimos relativos à existência desses cemitérios são muito comuns, nessas áreas de tradição Agreste, tais como "Morro dos Ossos" e "Furna dos Ossos". Lugares de habitação, de cerimonial e sítios cemitério foram sendo identificados e relacionados com determinadas tradições rupestres.

Hoje estamos já em fases mais avançadas do estudo da arte rupestre no Nordeste do Brasil, trás a publicação de várias monografias, produto de pesquisas e de dissertações defendidas no Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, onde funciona um laboratório especializado no estudo dos registros gráficos pré-históricos. Prospecções sistemáticas realizadas no curso médio do vale do São Francisco, e seus afluentes na região de Sobradinho, na Bahia (C.Kastering, 2003, D. Luso, 2005) ampliaram notavelmente o horizonte pré-histórico rupestre da região, onde ficou clara a presença de uma variedade da tradição São Francisco de Minas Gerais que poderia também estar relacionada com a tradição Agreste. Paralelamente, a criação do Parque Nacional do Vale do Catimbau, em Pernambuco, em cujas proximidades encontra-se o sítio Alcobaça, despertou o interesse pelo acervo pré-histórico dessa região, rico também em abrigos com pinturas rupestres ainda por estudar. Nessas duas regiões, a do São Francisco e a do Catimbau, identificaram-se possíveis áreas de contato de diferentes etnias que deixaram registros rupestres dispares e que poderiam indicar áreas de passo, e de fronteira de diversos grupos humanos.

O Sítio Alcobaça

Pelas definições, até agora formuladas, em relação à tradição Agreste, o sítio Alcobaça, situado na área arqueológica do vale do Jatobá, (Buíque, PE) que pertence à grande bacia do São Francisco, seria um abrigo típico dessa tradição, com a ressalva de que se trata de um abrigo sob rocha ocupado intensamente durante longos períodos de tempo, principalmente como cemitério onde se praticava a incineração e onde se realizaram práticas pictóricas também em períodos diferentes, mesmo que, o conjunto total dos painéis, mantenha uma unidade de estilo. No total, o sítio Alcobaça foi ocupado continuadamente por grupos humanos pré-históricos entre 5000 e 900 anos BP.

Pelos indícios de ocupação intensa, situação e acumulação de registros rupestres - gravuras e pinturas - nas suas paredes e nos blocos caídos do teto, este abrigo mereceu uma atenção especial e uma escavação arqueológica intensa durante vários meses, sob a responsabilidade do Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco (A.L. do Nascimento Oliveira, 2001). Situado em um pé de monte, num vale fechado em forma de U a 800 metros sobre o nível do mar, tem um olho d'água perene situado a menos de 50 metros do abrigo. Com aproximadamente 70



01- Vale do Jatobá - Buique-PE
(foto André Pessoa)

metros de comprimento e 14 de largura, no ponto mais amplo, e uma altura de 8 a 10 metros, apresenta as paredes cobertas em grande parte, por grafismos puros e alguns antropomorfos típicos da tradição Agreste. Grandes blocos desprenderam-se do teto em diversas épocas, alguns deles formando um corredor estreito entre a rocha matriz e os blocos caídos, onde se acumulam os painéis rupestres pintados. Esses blocos, posteriormente à queda, foram gravados, ao parecer, em várias épocas. Também as pinturas existentes na rocha matriz, devem ter sido pintadas em períodos diferentes. Chegamos a essa conclusão ao observar as diversas técnicas empregadas na elaboração dos grafismos. O solo do sítio apresentava uma camada espessa de cinzas e em alguns pontos as pinturas rupestres penetravam no sedimento arqueológico.

O tamanho do abrigo e as grandes quedas de blocos dificultaram a escavação que resultou demorada e complexa. Durante o levantamento topográfico do sítio, prévio ao começo das escavações, realizou-se uma sondagem no ponto onde as pinturas penetravam no sedimento, evidenciando-se a presença de enterramentos secundários com ossos humanos queimados e restos de cestaria finamente trançada. Nas campanhas arqueológicas que se sucederam, ficou demonstrado que todas as estrutura funerárias eram secundárias e que se utilizou o ritual da cremação em enterramentos coletivos. Os ossos apresentavam restos de pigmento vermelho e acompanhava o conjunto fúnebre, cascas de cocos, coquinhos, óxido de ferro (ocre) com marcas de uso, fragmentos de cerâmica, restos ósseos de fauna de pequeno porte e pingentes e espátulas de osso. Em alguns casos os corpos foram envolvidos em esteiras de palha. O material lítico, principalmente de arenito e de quartzo, resultou pouco abundante, com poucas lascas retocadas.

Das três áreas escavadas do abrigo, (Planta 01) a mais próxima da parede estava ocupada por enterramentos e as outras duas correspondiam a ocupações de grupos ceramistas com presença de fogueiras. Obtiveram-se 24 datações radiocarbónicas seqüenciadas, realizadas no Laboratório de Geocronologia do Instituto de Física-Química "Rocasolano",do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, de Madrid .

Datações de C-14 em anos BP, obtidas a partir de carvão vegetal das áreas escavadas.

Os resultados completos da escavação do sítio serão publicados numa monografia específica. Neste artigo apresentamos apenas as pinturas rupestres como exemplo de um sítio considerado típico da tradição Agreste.

As pinturas rupestres do sítio Alcobaça

Ocupam aproximadamente um espaço de 50 metros na rocha matriz do abrigo, com pequenos intervalos entre os painéis, dando a impressão de um painel continuo. As diferentes colorações e técnicas utilizadas são, porém, diversas, demonstrando seqüências periódicas e fases na elaboração

CSIC*	DATAÇÕES			OBSERVAÇÕES
	AREA I	AREA II	AREA III	
1635			4.851 ± 30	Fogueira
1631			4.733 ± 29	Ocupação
1441			4.243 ± 26	Fogueira
1632			4.000 ± 28	Fogueira
1633			3.411 ± 30	Fogueira
1440			2.690 ± 25	Ocupação
1634			1.472 ± 25	Datação milho e restos vegetais
1442			1.118 ± 24	Ocupação
1630	2.466 ± 26			Associado ao enterramento n.1
1432	2.405 ± 30			Datação enterramento n.4
1636	2.184 ± 32			Datação enterramento n.5
1629	2.111 ± 26			Datação enterramento n.3
1330	1.873 ± 24			Datação enterramento n.2
1332	1.812 ± 26			Associado ao enterramento n.3
1070	1.785 ± 49			Base do enterramento n.1
1026	1.766 ± 24			Associado ao enterramento n.1
1331	1.561 ± 25			Fogueira próxima ao bloco com pintura
1433		4.697 ± 30		Fogueira
1439		1.234 ± 24		Concentração de restos vegetais
1437		1.200 ± 25		Ocupação
1436		1.172 ± 28		Ocupação
1435		1.099 ± 26		Bloco com gravuras
1438		980 ± 25		Ocupação
1434		888 ± 25		Cerâmica e instrumento de osso

Legenda

CSIC – Conselho Superior de Investigações Científicas, Madrid
AREA I - Ocupações como cemitério por grupos ceramistas
AREA II - Ocupações intensas sem enterramentos com presença de cerâmica
AREA I II- Ocupações temporárias sem enterramentos com presença de cerâmica

ADAPTADO DE A.L. DO NASCIMENTO OLIVEIRA (2001)

das pinturas. Em diferentes períodos houve queda de grandes blocos sobre os que também se pintou, assim como nas cicatrizes que, na rocha, deixaram os blocos caídos. Aparecem também gravuras de descuidada elaboração sobre alguns desses blocos. O vermelho é a cor predominante, seguida do amarelo-ocre, o negro e o branco. Em alguns casos houve combinação de cores num mesmo grafismo, retoques e alguns foram também repintados com tintas mais intensas.

Foram coletadas amostras dos grafismos para fazer o estudo dos pigmentos; as análises se realizaram em dois laboratórios da França: o Laboratoire d'analyse physico-chimique et électrique de l'Université de Lyon I e no Laboratoire de Recherche des Monuments Historiques – Champs sur Marne, estudo realizado por Conceição Lage e Paulette Hugon, no quadro do Programa CAPES-COFECUB e UFPE.

Os materiais utilizados nas pinturas foram pigmentos minerais -ocres vermelhos e amarelos- e carvão vegetal para a cor preta. Nos grafismos de cor alaranjada foi assinalada a presença de óxido de titânio. Nos grafismos de coloração branca aparece óxido de titânio e silício. As fontes de matéria prima corante, para a elaboração das pinturas, estão próximas ao sítio, na forma de depósitos de caulim, e fragmentos de óxido de ferro desprendidos da rocha matriz na forma de plaquetas, é o *tauá* ou "pedra de pintar", utilizado ainda pelos indígenas remanescentes da região.

Os grafismos de cor negra são de fatura menos elaborada e mais descuidada que os realizados em vermelho ou ocre e poderiam ser intrusivos. A maioria dos painéis foi realizada com os dedos e com lápis de ocre, mas aparecem também grafismos de linhas mais finas nas que se utilizaram pinceis.

Os grafismos são de tamanhos variados que oscilam entre 30 a 50cm, além de outros que ultrapassam um metro de altura. Com exceção de três figuras antropomorfas estáticas, o resto são todos grafismos puros, alguns muito elaborados. Uma fileira de grafismos repetidos poderia representar antropomorfos esquemáticos (foto 3). Desenhos imitando marcas de mãos aparecem na parte superior de um dos painéis.

Durante quatro mil anos aproximadamente, o sítio Alcobaça foi visitado por grupos indígenas que o utilizaram como acampamento temporário, com ocupações mais ou menos demoradas,

dependendo das épocas. Eram grupos ceramistas e, seguramente, também agricultores de pequenas roças de subsistência. Acenderam numerosas fogueiras para se aquecer e preparar alimentos e durante o período compreendido entre 2500 e 1500 anos BP em número redondos, foi também utilizado como cemitério. Nos longos períodos de ocupação, o sítio Alcobaça deve ter sido um santuário ou lugar de culto, onde seus ocupantes pintaram nas rochas suas enigmáticas pinturas e gravuras como testemunho da sua história.

Gabriela Martin. Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife. E-mail: gmarvila@terra.com.br

Bibliografia

AGUIAR, Alice. A Tradição Agreste: estudo sobre a arte rupestre em Pernambuco. Ed. Universitária, UFPE, Recife, 1986, 98 p. il.

GUIDON, Niede. Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. CLIO-Arqueológica, nº 5, Ed. Universitária, UFPE, Recife, 1989, pag. 5-10.

KESTERING. Celito. Registros rupestres na área arqueológica de Sobradinho, Bahia. . CLIO-Arqueológica, nº15, Ed. Universitária, UFPE, Recife, 2003, pag. 131-157, il.

KESTERING. Celito. Grafismos puros nos registros rupestres da área de Sobradinho, Bahia. FUMDHAMentos nº 3, Fundação Museu do Homem Americano, Ed. Universitária, UFPE, Recife, 2003, pag. 163-177, il.

LUSO, Daniele Lima. Registros rupestres na área arqueológica de Sobradinho, BA: estudo cenográfico do Boqueirão do Brejo de Dentro. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife 2005, 120p. il.

MARTIN, Gabriela. AGUIAR, Alice, ROCHA, Jacionira. O sítio arqueológico Peri-Peri em Pernambuco. Revista de Arqueologia, nº1, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 1983, p.30-39, il.

MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. 3ª edição, Ed. Universitária, UFPE, Recife, 440 p. il.

MARTIN, Gabriela. Fronteiras estilísticas e culturais na arte rupestre da área arqueológica do Seridó, RN, PB. CLIO-Arqueológica, nº16, Ed. Universitária, UFPE, Recife, 2003, pag. 11-33, il.

PESSIS, Anne-Marie. Imagens da Pré-história. Parque Nacional Serra da Capivara. Petrobrás-FUMDHAM-MINC, Gráfica Takano, São Paulo, 2003, 350 p. il.

PESSIS, Anne-Marie. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil. CLIO-Arqueológica, nº8, Ed. Universitária, UFPE, Recife, 1992, pag. 35-68.

OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento. O sítio arqueológico Alcobaça, Buique, Pernambuco.Estudo das estruturas arqueológicas. Tese de Doutoramento, Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife, 2001, 186 p. il.

SILVA, Joaquim Perfeito da. Pinturas rupestres, estruturas e representação em Minas Gerais e Bahia. Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2004, CD.

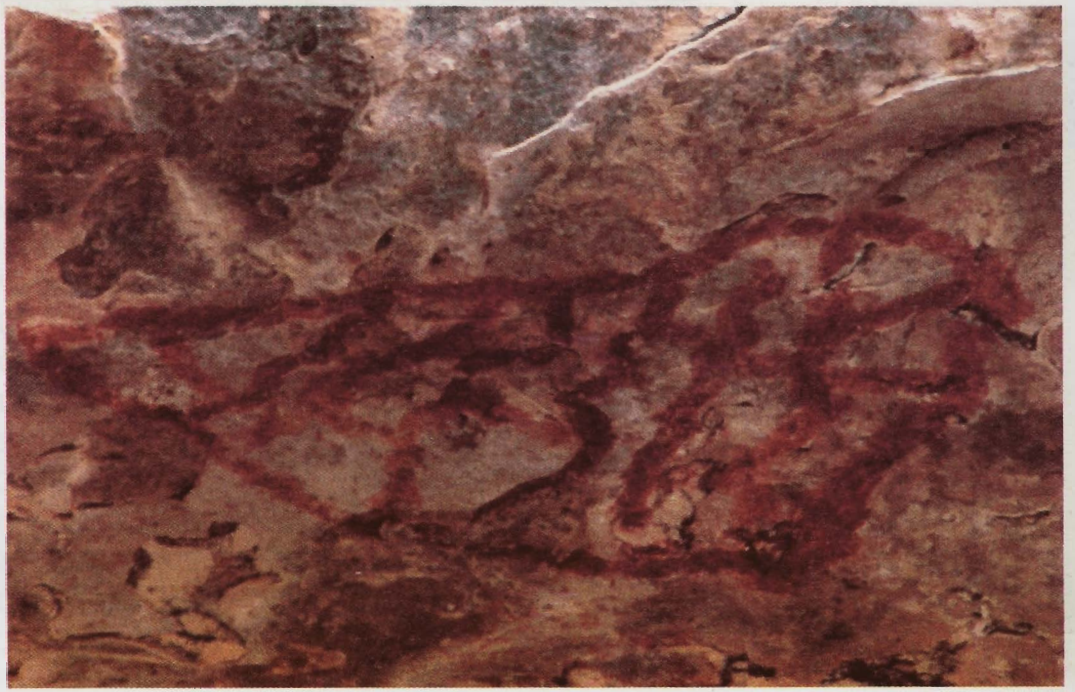
WATANABE ,Shigueo; AYTA, Walter Feria; HAMAGUCHI, Henrique; GUIDON, Niede; LA SALVIA, Eliany; MARANCA, Silvia; BAFFA FILHO, Oswaldo. Some Evidence of Date of First Humans to Arrive in Brazil. Journal of Archaeological Science (2003) 30. 351-354.

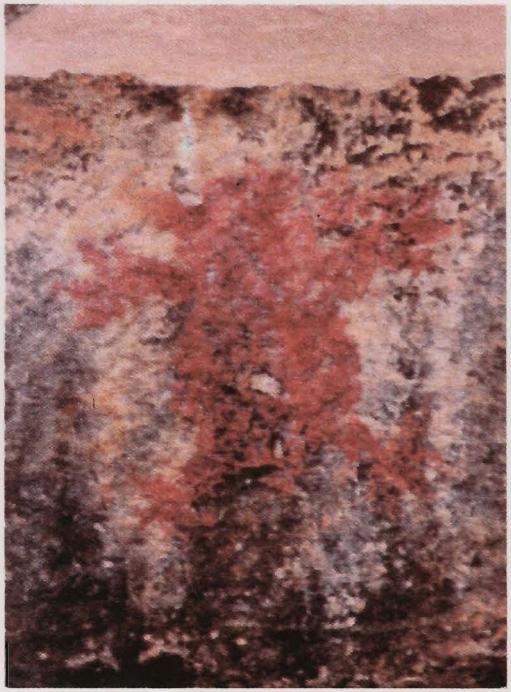
A

B

02 - Vista parcial do sítio Alcobaça, onde se pode apreciar a área pintada e os blocos caídos

03 / 04 Grafismos que, com pequenas variações, são recorrentes em vários sítios com pinturas da tradição Agreste





05 - Figuras antropomorfas isoladas, típicas da tradição Agreste

06 - Grafismo representando antropomorfos esquemáticos enfileirados

07 - Grafismos com pigmento repintado ou superposto

08 / 09 - Grafismos recorrentes em outros abrigos da tradição Agreste e relacionados com a tradição São Francisco. São grafismos chamados tipo "carimbo", localizados também na área arqueológica de Sobradinho, na Bahia.

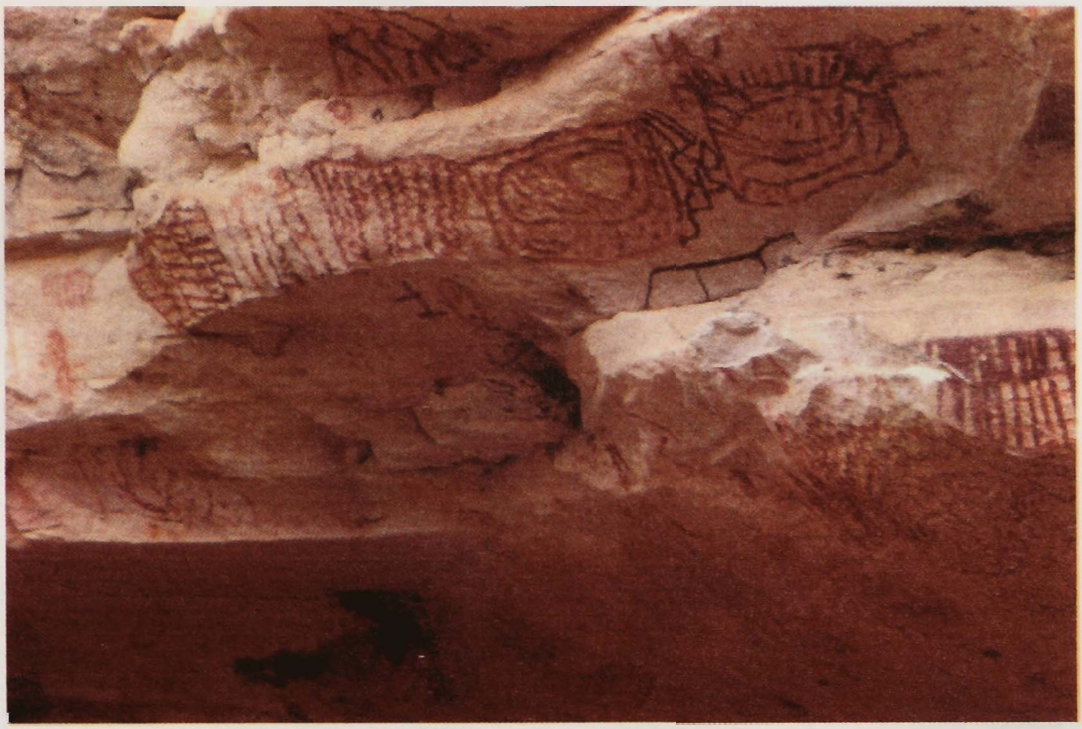
09 - Superposição de grafismos realizados com tinta preta, e representação de carimbos em forma de mãos

10- Grafismos tipo "Agreste" realizados com pincel fino

11 - Grafismos filiformes

12 - Diversas fases da realização dos painéis

13 - Três paineis com grafismos colocados em três alturas

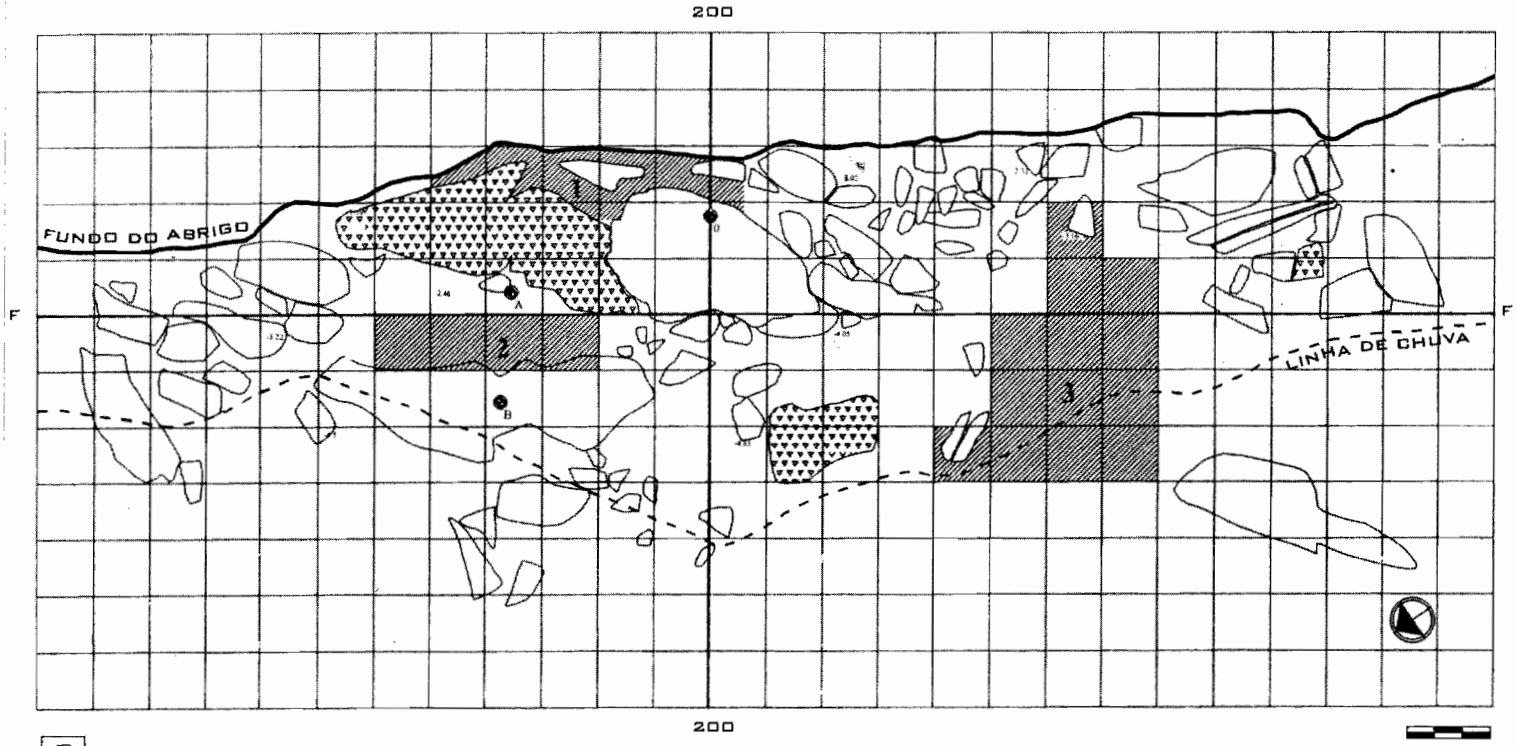


14 - Observa-se pinturas relizadas nas cicatrizes da rocha depois da queda de blocos

15 - Grafismos puros e dois antropomorfos que apresentam mãos e pés com três dedos

16 - Grafismos retocados com tinta mais intensa

PLANTA DE ESCAVAÇÃO



BLOCOS

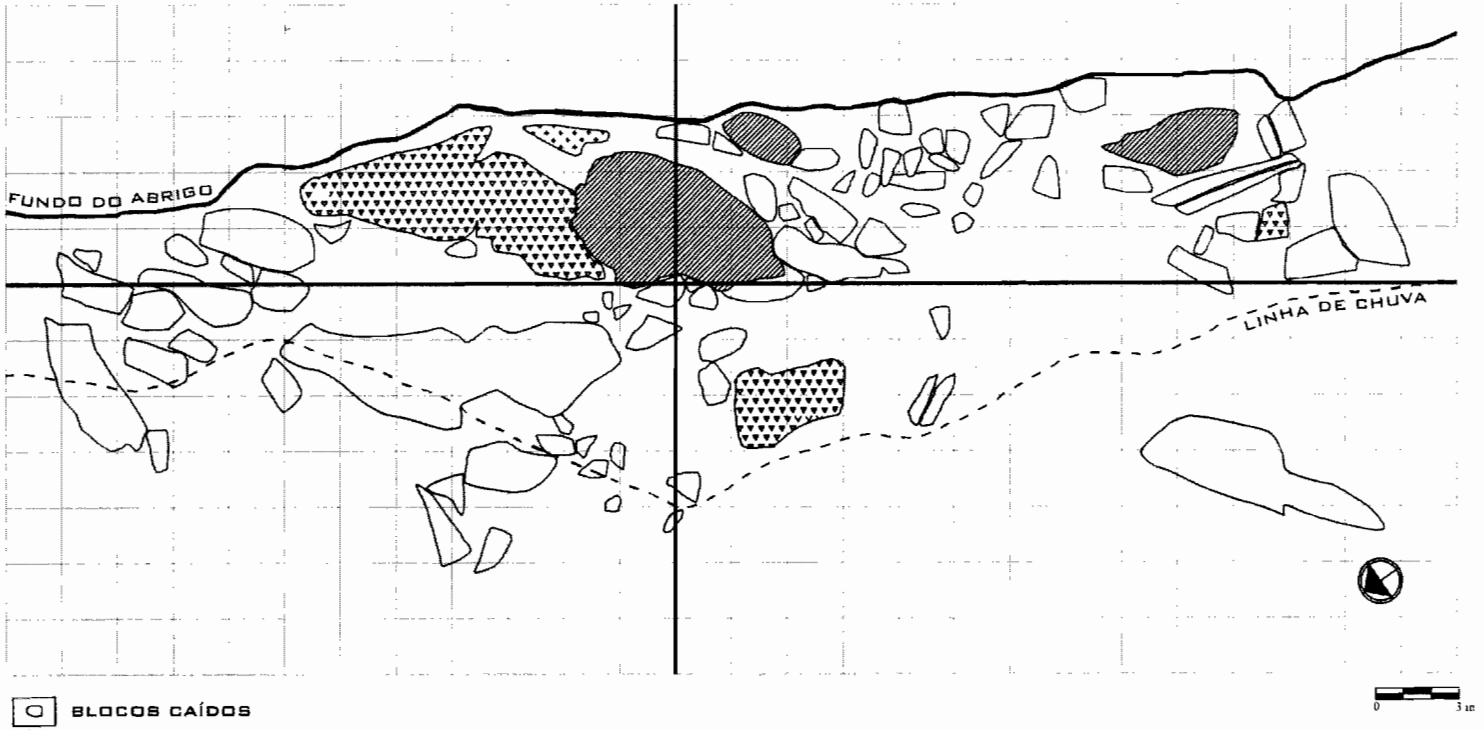
BLOCOS COM GRAVURA

ÁREAS ESCAVADAS

1- ÁREA I
2- ÁREA II
3- ÁREA III

ADAPTADO DE ANA LÚCIA DO NASCIMENTO OLIVEIRA

DISTRIBUIÇÃO DOS PAINÉIS DE GRAVURAS E PINTURAS



ADAPTADO DE ANA LÚCIA DO NASCIMENTO OLIVEIRA